

## TRAÇOS GERAIS DA FITOGEOGRAFIA DO AGRESTE DE PERNAMBUCO

DARDANO DE ANDRADE-LIMA  
Pesquisador Emérito do Instituto de  
Pesquisas Agronômicas  
Pesquisador-Conferencista do C.N.Pq.

### SINOPSE

Características gerais da vegetação do Agreste de Pernambuco.

### ABSTRACT

Outline of the hypoxerophytic caatinga vegetation (Agreste) of Pernambuco, Brazil.

Quando considerados como um todo, os municípios do chamado Agreste de Pernambuco seriam referidos como tendo vegetação do tipo geral caatinga, em sua fácies hipoxerófila usualmente também denominada de "agreste".

No entanto, se observados em detalhe, apresentam uma tal diversidade de revestimento vegetal que é temerário se afirmar que o conjunto possui esse ou aquele tipo de vegetação. Não é mais possível, em Pernambuco, para fins de planejamento econômico, o uso da simplista divisão do Estado em três áreas vegetacionais, delimitadas por linhas rígidas.

A análise dos fatos, tal como se apresentam no campo, vai evidenciando a cada passo um fato novo, uma penetração ou uma disjunção de área e, quantas vezes, problemas sérios de difícil interpretação. Se essa afirmativa é verdadeira para o Estado, como um todo, tem muito mais significação para o espaço

geográfico classicamente conhecido como o Agreste pernambucano.

Num percurso acompanhando a BR-232, passa-se, depois de Vitória de Santo Antão, da "mata-seca" para uma forma subúmida de caatinga — o "agreste". O emprego desse termo é de fácil compreensão, de vez que se deixa uma vegetação sem reais problemas de trânsito e se penetra uma outra, espinhosa, agressiva, agreste, sem dúvida alguma pertencente às caatingas, por seu condicionamento abiótico e suas principais espécies. No alto da serra das Russas existiu, segundo testemunho oral e alguns remanescentes vegetais, dentre os quais *Bowdichia virgilioides* e *Cecropia* sp., uma cobertura florestal. Predominam, no entanto, naquela área, presentemente, espécies de caatinga, entre as quais *Schinopsis brasiliensis* e diversas *Mimosa*. Descendo para a sede do município de Gravatá (469 m), a diminuição da umidade, por efeito de sotavento, reduz a vegetação, mas permanece o tipo geral do "agreste". Essa paisagem acompanha o vale do Ipojuca, que se orienta agora, aproximadamente Leste-Oeste vindo a atingir o nível dos 600 m já próximo a Belo Jardim. As terras mais baixas a NE da cidade de Gravatá, levam suas águas para o Capibaribe (138 m, em Limoeiro) e novamente a vegetação é de "agreste". Mas, na direção Sul, ou SSE, ainda no

Combustado  
R. N. OK

município de Gravatá, níveis não muito mais altos, refrescam o ambiente e a vegetação é de floresta úmida, continuação do maciço florestal costeiro, após haver ultrapassado as terras de Amajari. Inúmeras das espécies típicas desse maciço estão ali presentes, mas curiosamente, já não é visto nessas matas o visgueiro (*Parkia pendula*), devido, talvez, a valores mais baixos da temperatura.

Ao Norte da linha Gravatá-Bezerros, um conjunto de serras favorecidas por boa exposição aos ventos úmidos de SE, suporta cobertura florestal, hoje prejudicada por ação humana. Alcança maior expressão na Serra Negra, de Bezerros, que constitui o "brejo" mais oriental de Pernambuco. Sua relativa proximidade da costa, confere-lhe características próprias.

Numa direção geral S, passa-se das terras relativamente baixas de Bezerros (484 m) para as elevações de Camocim de São Félix (692 m), variação essa que já permite a presença de florestas que se continuam com as de Bonito e todo o resto do maciço florestal costeiro. A exploração da área intermediária (entre Bezerros e Camocim de São Félix), com o uso constante pela agricultura, não deixa claro, nesse percurso, o contacto entre "agreste" e mata úmida. Se for tomado o itinerário Bezerros-Sapucarana-Camocim de São Félix, o acesso às serras da Várzea e do Alho é bem mais íngreme. Os níveis são aí mais elevados e a cobertura florestal do topo (cerca dos 800 m), sem descontinuidade com as matas "do sul", apresenta diferença de composição, mais se assemelhando àquelas das florestas próprias dos "brejos" da caatinga. É típica dessas florestas, *Manilkara rufula* (maçaranduba). Essa mudança gradual de flora, numa zonação vertical, fora igualmente observada na Serra Negra de Bezerros.

As serras da Várzea e da União prolongam-se, em forma de pinças, na direção SO, com seu típico revestimento florestal. No vale entre essas elevações, drenado por um subafluente do Una, localiza-se a cidade São Joaquim do Monte, a menos de 500 m de altitude. Foi ultrapassado o divisor d'água entre o Ipojuca e o Una, e novamente a vegeta-

ção do tipo "agreste" se apresenta. Dessa mesma bacia, com níveis predominantemente abaixo de 500 m, fazem parte também, os municípios de Agrestina, Cupira e Altinho. Por sua localização e orografia, têm vegetação de "agreste" e de mata, os municípios de São Joaquim do Monte e Cupira. Lagoa dos Gatos mais a SE, se inclui, praticamente, todo na zona da mata. Painéis tem, igualmente, áreas de mata e áreas de "agreste", este, porém menos severo, em função de algum acréscimo nas altitudes.

Os limites norte de Agrestina e Altinho com Caruaru, obedecem ao divisor d'água do Ipojuca com o Una. Em cotas ora mais baixas, ora mais altas (900 m) esse relevo recebe quase perpendicularmente, os ventos frescos de SE. A condição de "brejo" é satisfeita, e uma floresta de alto porte ali se instala. Dessa floresta fazem parte legítimas espécies das matas costeiras de Pernambuco, como *Couepia rufa*, de mistura com espécies também ocorrentes nas florestas sulinas — *Copaifera trapezifolia*, e outras de mais ampla dispersão, como *Tapiira guianensis*. Uma reliquia, da mais alta significação fitogeográfica, entra na composição da floresta desses "brejos": *Podocarpus sellowii*; o problema da presença, ali, dessa gimnosperma, é um desafio à capacidade pesquisadora do Homem. Essas elevações recebem denominações diversas como: Serra das Cruanhas, Serra dos Cavalos, etc. e terminam para o Oeste, quase à altura de São Caetano.

Não há registro das chuvas que caem nesses brejos, mas devem atingir os 1.200 mm anuais, tomando-se como critério de julgamento a exuberância da floresta local.

Em eloquente contraste com essa exuberância, o que se tem na vertente setentrional dessas serras é a caatinga empobrecida de Caruaru e São Caetano, no vale do Ipojuca. A meia-encosta, num como que terraço intermediário, em solos francos, deve ter existido uma caatinga arbórea ou mesmo uma floresta caducifolia (mata-seca). O diagnóstico dessa cobertura fica prejudicado, pela sua erradicação para uso das terras pela agricultura.

Y Ao norte de Caruaru, nos limites da acanalada bacia do Ipojuca, novas elevações dispostas grosseiramente de Leste a Oeste, coletam mais alguma umidade dos ventos de SE, sem no entanto oferecerem ao observador autênticos "brejos". Na sombra desse segundo cordão orográfico as chuvas são escassas, o que resulta numa vegetação também mais escassa, do tipo geral caatinga, modalidade sertão; o sertão de Fazenda Nova, onde as braúnas (*Schinopsis brasiliensis*), os xique-xiques (*Pilosocereus gounellei*), as croas-de-frade (*Melocactus bahiensis*), os pereiros (*Aspidosperma pyrifolium*), as craibeiras (*Tabebuia caraiba*) e tantas outras, formam a paisagem vegetal, de permeio com os matões pórfiro-graníticos ricos em formas bizarras. X

Já aqui correm as águas para a bacia do Capibaribe, a qual, na total ou maior parte dos municípios de Riacho das Almas, Toritama, Santa Cruz do Capibaribe e Brejo da Madre de Deus, participa da vegetação da caatinga, ora empobrecida, com fácies de certão como a de Fazenda Nova, ora melhorada, com fácies de agreste. As lides agrícolas têm colaborado para a redução dessa mesma vegetação.

E nesse domínio de caatingas, uma ilha orográfica vem novamente modificar a paisagem vegetal. É a serra de Taquaritinga, que, dos 401 m em Vertentes, chega aos 785 m na cidade de Taquaritinga do Norte, e quase aos mil metros nos pontos mais elevados. É mais um brejo, rico em espécies arbóreas de grande porte. Dentre essas, é merecedora de nota *Caesalpinia peltophoroides*, comum, igualmente, nas matas do Rio de Janeiro; *Copaifera trapezifolia* e *Peltophorum dubium* são duas outras espécies admissivelmente "sulinas" que ali também ocorrem. Entre as epífitas, *Epidendrum dimorphum* é um bom exemplo de dispersão disjunta, com sua presença em Taquaritinga e, entre outras áreas, sobre árvores das matas do litoral rochoso paranaense (Caiobá).

Mais para o Norte, a sotavento da serra de Taquaritinga, um estreito corredor faz ressurgir a caatinga, para ceder lugar a uma floresta caducifólia, nos divisores d'água entre as bacias do Capi-

baribe e do Paraíba; esta linha de serras (S. de Cachemira, das Umburanas, etc.) imprime nas terras a sotavento aquele caráter de máxima secura em terras brasileiras. É o resultado do depauperamento cumulativo da umidade dos ventos de SE que encontraram no seu percurso as serras ao sul de Caruaru (brejo dos Cavalos), ao sul de Fazenda Nova, a de Taquaritinga e, por fim, estas que servem de limite entre Pernambuco e Paraíba.

É o Cariri paraibano (Cariris Velhos), rico em facheiros (*Pilosocereus piauhiensis*), xique-xique, imburana-de-cambão (*Bursera leptophloeos*), favela (*Cnidocolus phyllacanthus*), e tantas outras espécies sertanejas.

Y Nas cabeceiras do Capibaribe, e seus primeiros afluentes, a paisagem botânica contrasta bruscamente com a pobreza vegetal das áreas já referidas. Atingem-se as serras dos municípios de Janaúba e Poção onde a cobertura vegetal retoma a forma florestal. *Manilkara refula* (maçaranduba), índice dessas formações serranas, reaparece e a igualmente típica *Cattleya labiata* embeleza as árvores com suas flores vistosas. Chega-se, em Poção, aos mil metros de altitude, e, embora não seja comumente referido como tal, está-se presente a um legítimo "brejo". X

Os municípios de Agrestina e Altinho, como já dito, são de "agreste", mas a bacia do Una, de certo modo voltada para SE canaliza até eles, e mais além, umidade que permite o desenvolvimento de uma caatinga arbórea de bom porte, onde mesmo espécies de mata seca como o cedro (*Cedrela* sp.), o pau d'arco roxo (*Tabebuia avellanadae*) e mesmo *Astronium fraxinifolium*, vêm participar do complexo florístico. Esse fato mais se caracteriza nos municípios de Jurema, Cachoeirinha e São Bento do Una, embora neste último a cobertura vegetal nativa haja sido quase totalmente retirada para trabalhos de agricultura ou pecuária leiteira.

Retornando ao vale do Ipojuca, nos municípios de Tacaimbó, Belo Jardim e Sanharó, em níveis entre 500 e 700 m, a vegetação é típica de "agreste", com catingueira (*Caesalpinia pyramidalis*), braúna, mandacaru (*Cereus jamacaru*)

e outras. Ao Norte das cidades de Taçaímbó e Belo Jardim, maciços orográficos de orientação variada, recebem os ventos úmidos canalizados pelo Vale do Una e grandes áreas florestais aí se instalam, como as da propriedade Bituri, que se alcança pelo município de Brejo da Madre de Deus. Nessas florestas, de grande porte, vêm ocorrer, também, espécies do Leste-Sul brasileiro, com *Lamanonia speciosa* e *Huberia ovalifolia*.

Em Sanharó, é a serra do Jenipapo que vai determinar o estabelecimento de vegetação florestal.

O agreste de Pesqueira cede lugar à floresta pluvionebular da serra do Ororubá, que percorre o município aproximadamente de Leste a Oeste. Embora já muito retirada para trabalhos agrícolas, boas relíquias dessa floresta ainda hoje sobrevivem. Os municípios de Ca-

poeirás e Alagoinha, e o sul de Pesqueira, embora com níveis próximo dos 900 m têm uma vegetação geral de agreste, por estarem na sombra do grande maciço de Garanhuns e faltarem-lhes ventos úmidos canalizados. Essas áreas compartilham, por sua vez, daquele "agreste" ameno já referido para São Bento do Una, com possibilidades agrícolas e pastoris.

Essas terras de média altura, cujas águas correm ora para o Una, ora para o Canhoto, e que têm como um bom índice da antiga cobertura, os ouricuris (*Syagrus coronata*) religiosamente preservados pelo Homem, cedem lugar, pelo Ceste, às terras baixas do vale do Ipanema, de direção geral NE-SO, direção esta que não canaliza ventos úmidos, resultando numa vegetação do tipo sertão, que tem um bom exemplo nas terras semi-áridas do Tará.